



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSÉ FABIELSON DOS SANTOS SILVA

**Terra de Deus, Terra de Irmãos: uma história de luta
pela terra e seu legado na comunidade do Baixo
(Riachão-PB)**

GUARABIRA

2023

JOSÉ FABIELSON DOS SANTOS SILVA

**Terra de Deus, Terra de Irmãos: uma história de luta
pela terra e seu legado na comunidade do Baixio
(Riachão-PB)**

Artigo apresentado à banca examinadora no curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciado em História.

Área de concentração: História e Relações de Poder.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity

GUARABIRA

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

8586 Silva, José Fabielson dos Santos.
Terra de Deus, terra de irmãos [manuscrito] : uma história de luta pela terra e seu legado na comunidade do Baixo (Riachão-PB) / José Fabielson dos Santos Silva. - 2023.
20 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

*Orientação : Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity ,
Coordenação do Curso de História - CH.*

1. Comunidade do Baixo. 2. Movimentos sociais. 3. Luta pela terra. I. Título

21. ed. CDD 331.8

JOSÉ FABIELSON DOS SANTOS SILVA

**Terra de Deus, Terra de Irmãos: uma história de luta
pela terra e seu legado na comunidade do Baixio
(Riachão-PB)**

Aprovado em: 28/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Luiz Mário Dantas Burity

Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dayane N. Sobreira

Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Susel Oliveira da Rosa

Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus familiares e amigos, pela
dedicação, companheirismo e apoio, sem
eles eu nada seria, Dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por fazer parte em meu caminhar, por me manter firme em busca dos meus objetivos, por não me deixar fraquejar e desistir do que ele me preparou.

Aos professores do Departamento de História da UEPB, Campus III, em Guarabira/PB, pela dedicação e ensino dentro da sala de aula, tão importantes para a minha formação acadêmica.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe, ao meu pai, aos meus avós e tios, pelas vibrações e desejos para que eu possa alcançar sempre meus sonhos e por sempre estarem presentes, em meu dia a dia, me incentivando.

Aos colegas de classe, que durante esses cinco anos de universidade. Apesar de termos passados momentos de aflições devido à pandemia, isso não nos deixou fraquejar, agradeço pela troca de saberes e pelo prazer de conviver com a diversidade na socialização com cada um.

À equipe da CPT de Guarabira, na pessoa do meu tio Josimar Costa, Maria Josiane e Bruno Gomes, por me incentivarem e estar participando junto com eles e outros amigos nos movimentos sociais e a juventude camponesa no qual foi de muita importância para a interação e desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos e amigas, que sempre me confiaram a sua amizade e também contribuíram para minha formação acadêmica com debates e conversas importantíssimas.

Aos moradores da minha comunidade baixinho, terra de povo aguerrido e batalhador, agradeço pelos ensinamentos diários e companheirismo, ressalto também em memória a todos aqueles guerreiros e guerreiras que foram importantes na conquista desta terra.

Ao meu orientador Luiz Mário Burity, obrigado pela dedicação, paciência, carinho e amizade durante esse período de ensinamento, tenho certeza de que minha gratidão, o senhor sempre terá.

À minha banca examinadora, professoras Dayane e Susel, agradeço por terem aceitado o convite e pelas contribuições significativas ao meu trabalho.

RESUMO

A comunidade do Baixio, no município do Riachão-PB, tem uma longa história pela luta pelo direito à terra. Uma luta que foi iniciada em 1984, a partir da liderança de Dona Lia e Seu Genival, mas que tem seu legado mantido até hoje. O objetivo desse artigo é constituir um relato de caso de minha experiência como membro da comunidade do Baixio e, nos últimos tempos, também como integrante do movimento social. Ao longo desse texto pudemos discutir a importância do legado de luta pela terra, os desafios atuais para a manutenção da terra e a sobrevivência da população local, nossas formas de produzir e a luta por investimentos, crédito agrícola e valorização de nossos produtos por parte do mercado consumidor.

Palavras-chave: Comunidade do Baixio. Movimentos sociais. Luta pela terra.

ABSTRACT

The community of Baixio, in the municipality of Riachão-PB, has a long history of fighting for the right to land. A struggle that began in 1985, under the leadership of Dona Lia and Seu Genival, but whose legacy has been maintained to this day. The objective of this article is to constitute a case report of my experience as a member of the Baixio community and, in recent times, also as a member of the social movement. Throughout this text we were able to discuss the importance of the legacy of the struggle for land, the current challenges for maintaining the land and the survival of the local population, our ways of producing and the struggle for investments, agricultural credit and appreciation of our products by the consumer market.

Keywords: Baixio Community. Social movements. Fight for the land.

1. Introdução

Fotografia 1: O barreiro



Fonte: Documentário “Abuzú”.

Barreiro é um buraco grande, com aproximadamente 100 metros de comprimento por 50 de largura, cavado no chão da comunidade para armazenar a água da chuva. Essa água é importante para o consumo da comunidade, mas também e sobretudo para o plantio quando a terra seca. Nós sabemos que um animal pode chegar e usar dela, até morrer dentro do reservatório, perder a validade para o uso, mas é importante que ela exista ali, naquele reservatório, para que por um bocado de tempo as pessoas possam usar.

Eu sou da comunidade Baixio, no município de Riachão, na microrregião de Guarabira, estado da Paraíba. Essa comunidade tem uma história de luta pela terra em que vivemos e essa história começa com o Barreiro. Os mais velhos contam que foi no ano de 1984 que construíram o barreiro, para tornar mais fácil e mais rápido o acesso à água, sobretudo nos tempos em que as chuvas param e a terra seca. O assentamento Baixio do Riachão atualmente com uma área de 769,5725 ha, distribuídas entre 44 lotes, está localizado na cidade de Riachão Paraíba, na microrregião do Curimataú Oriental, na década de 80, pertencia ao município de Araruna, era denominada Fazenda Baixio,

pertencente ao Sr. José Targino Maranhão, com uma área de 1000 ha, era classificada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização na Reforma Agrária), como latifúndio por exploração onde 47 (quarenta e sete) famílias foram arrendatários do Sr. José Targino, o contrato de arrendamento era feito verbalmente entre os trabalhadores (arrendatários) e o proprietário Sr. José Targino. A área é insuficiente, pouca produtiva e muito acidentada. A produção da terra, quando possui inverno o resultado da colheita é maravilhoso e nos anos de seca a produção é restringida.

Entre a década de oitenta e noventa, os arrendatários, antes da intromissão dos pseudo-proprietários, os trabalhadores viviam tranquilamente, morando e cultivando a terra, pagando a taxa de arrendamento em dia ao proprietário da terra sem conflitos, tinham entre se um relacionamento pessoal.

Certo tempo depois o Sr. José Targino, com os Sr. Antônio Tomás de Aquino, Geraldo Tomás de Aquino e João Tomás de Aquino, disseram que tinham comprado a terra, foi neste momento que começou a luta, pois os agricultores foram privados de construir barreiros, plantar e colher o restante da produção e foram ameaçados de terem destruídas as suas lavouras pelo gado dos proprietários.

Segundo os relatos toda a história que tivemos foi através de uma prisão, que eles não tiveram medo, isso aconteceu no dia 10 de outubro de 1984, onde 23 (vinte e três) agricultores foram presos, por policiais armados, eles foram espancados publicamente, e levados para a cadeia de Araruna, uma grande mobilização foi articulada para soltarem os agricultores, mesmo assim, só foram soltos 24 horas depois mediante pagamento da fiança.

O objetivo desse artigo é constituir um relato de caso de minha experiência como membro da comunidade do Baixio e, nos últimos tempos, também como integrante do movimento social. A experiência no movimento social foi fundamental para que eu desejasse me formar historiador, formação essa que penso que poderá ajudar à minha comunidade, visto que assim posso contar nossas histórias de luta e união, histórias essas que são fundamentais para garantir a permanência da luta, e dessa forma, o nosso acesso à terra e à solidariedade tão importante para a existência de todos nós.

Esse trabalho se insere, dessa forma, como um exercício de história vista de baixo, preocupada em relatar a experiência de luta dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais, grupo que devido às suas condições de existência não costumam ser os protagonistas das narrativas da História. Seguindo a perspectiva de E. P. Thompson (2011, p.14),

Estou tentando resgatar o pobre tecelão das malhas, o meeiro ludita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão utópico e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade diante do novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viviam nesses tempos de aguda perturbação social e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser condenados em vida, vítimas acidentais.

É nesse propósito que eu pretendo contar a história de um movimento social – desses homens e mulheres que lutam contra o esquecimento na comunidade do Baixo. Fazem isso no presente, nesse momento em que vivemos, contando histórias de pessoas que viveram no passado da comunidade, e que se orgulham da luta pela terra, pela nossa sobrevivência.

A história da comunidade do Baixo já foi objeto de algumas narrativas históricas, podemos destacar os Trabalhos de Conclusão de Curso “Dona Lia: mulheres, memórias e resistências na Paraíba”, de Genilma Ricardo da Silva (2018), e “Dona Lia e a luta pela terra em Riachão-PB (1985-1986), de Lucineide Silva de Lima (2016). Também temos o documentário “Abúzu”, produzido por Anamara Bandeira e Isa Paula Moraes, a partir da pesquisa de Luiz Gonzaga Gonçalves, dirigido e escrito por Cecília Bandeira. Isso para além das narrativas orais com a qual os mais velhos sempre repetem essas histórias para as gerações mais novas.

2. A comunidade do Baixo: as lutas de ontem e de hoje

O meu processo de escolarização começou basicamente na minha comunidade. Nós temos a creche e a escola de ensino fundamental I, Creche Eulina Gomes de Moura. Depois disso, tive de me deslocar para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Menino Jesus, da rede municipal na cidade, nela eu cursei do sexto ao nono ano, o Ensino Médio cursei na Escola Pedro Ribeiro de Lima situada na cidade também. A vontade de estudar História surgiu no Ensino Médio, devido ao contato que eu tinha com os professores. Eu acho que foi a única matéria que chamou a minha atenção, principalmente porque a história permitia que eu me visse dentro da minha comunidade, compreendendo a história da minha comunidade e que eu pudesse pensar o meu papel nela.

Quando eu terminei o Ensino Médio, eu estava com a mente mais aberta para pensar o mundo e as minhas possibilidades de ação nela. Eu tinha em mente que as histórias da minha comunidade – as memórias – elas não poderiam ser esquecidas, e sendo eu historiador, poderia contribuir para disseminá-las, deixá-las vivas na mente de nosso povo, assim como amplificá-las para que outras pessoas possam conhecê-la. Desde muito novo eu comecei a ouvir a história de luta das pessoas da minha comunidade pelo acesso à terra e pelo direito de moradia para constituírem as suas famílias.

Eu ouvia as histórias de Dona Maria das Neves, que nós chamávamos de “Dona Lia”, e de seu marido Genival. Foram eles que, entre 1984 e 1986, organizaram a formação de uma associação em prol da luta pela terra dos posseiros da comunidade do Baixio. Conforme Genilma Ricardo da Silva (2018), havia mais de 50 famílias na região, algumas estando por ali por mais de 50 anos, com arrendamentos em forma de contrato verbal:

As famílias pagavam foro em dia e cultivavam sem conflito. Plantavam o milho, o feijão e também algodão, criavam também animais (vacas e novilhos), as casas eram todas de taipa, chão batido e em sua maioria eram cobertas de palha, na época a grande dificuldade era por recursos hídricos. Então, para solucionar a questão da falta de água pediram permissão ao sr. José Targino para a construção de um barreiro, que beneficiaria a todos. Nesse meio tempo, o coronel Targino vendeu as terras para os irmãos João Tomaz de Aquino, Geraldo Tomaz de Aquino e Antônio Tomaz de Aquino (conhecidos na região como os “irmãos coró”), sem ao menos comunicar aos 59 trabalhadores que moravam nas terras e dela tiravam o sustento da família. Segundo Dona Lia, a venda da propriedade sem a notificação aos trabalhadores e consequente proibição por parte dos “irmãos coró” da construção do barreiro, foi o boom para darem início à luta pela terra. (Silva, 2018, p.12).

Genilma Ricardo da Silva (2018) entrevistou Dona Lia, que em sua narrativa descreve as razões pelas quais a comunidade decidiu, sob a liderança dela e de seu marido, dar início à luta pelo direito à terra. Mas há um outro agente fundamental na construção dessa história. A Comissão Pastoral da Terra (CPT), instituição formada por missionários da Igreja Católica, vinculados à Teologia da Libertação, que desde a década de 1960 estava se aproximando dos movimentos sociais no propósito de apoiar as populações carentes e conscientizá-las de seus direitos.

Esses missionários da Teologia da Libertação foram perseguidos durante a Ditadura Militar, mas voltaram a ter muita força durante o processo de redemocratização, momento em que os movimentos sociais voltaram a ganhar força e legitimidade no país.

Nesse momento, Dona Lia fez uma formação com os agentes da CPT no município de Tacima-PB, e passou a ter acesso a mais informações a respeito do direito dos posseiros. Dessa forma, ela passou a se inteirar de que os trabalhadores e as trabalhadoras rurais, que já ocupavam aquele território a muitos anos, não poderiam ser expulsos a qualquer momento do assentamento, o seu proprietário precisava dar pelo menos 90 dias para que essa gente se deslocasse. E foi assim que começou o movimento pelo direito à terra da comunidade pela gente que já vivia nela e seus descendentes (Silva, 2018).

Fotografia 2: Comunidade Baixio



Fonte: Fotografia do autor

Esse processo de luta foi encampado por Dona Lia e Seu Genival. Eles foram as pessoas que tomaram a frente de todo o processo de mobilização das pessoas e que estavam à frente em todo o enfrentamento com o proprietário das terras e as forças policiais. Dona Lia e o Sr. Genival foram quem fundou a associação, e a mesma foi também quem tomou a frente do movimento das mulheres na cidade do Riachão-PB, e que contribuiu para a formação do sindicato. Ela é a primeira presença do sindicato daqui na cidade, e nesse esforço, contribuiu muito para a evangelização de muitas pessoas aqui na região de Guarabira. Torna-se muito notável, portanto, como o movimento dos

trabalhadores e trabalhadoras da região do Baixio se tornou um ponto forte para a consolidação do movimento social pela terra e em toda a região.

Uma pauta muito importante de luta de Dona Lia e Seu Genival é a união da comunidade. A necessidade da união para fortalecer a luta pela terra, para garantir a continuidade de seus direitos, para fortalecer a produção e melhorar as condições de vida de todos que aqui habitam. Essa questão que era muito importante de ser dita no passado, a gente precisa sempre estar lembrando. Lembrando para que a gente que vive na comunidade não se desarticule e não perca os princípios do trabalho coletivo pela terra e pela importância de tudo o que foi conquistado.

Fotografia 3: Associação dos trabalhadores rurais do Baixio



Fonte: Fotografia do autor

Fotografia 4: Igreja Católica na comunidade do Baixio



Fonte: Fotografia do autor

Quando o seu Genival veio a falecer, o então presidente da associação no ano de 2018, a associação passou algum tempo sem frente de trabalho, devido a isso Dona Lia vem assumir a presidência da associação no ano de 2019. No ano de 2023 por motivos de saúde, deixa a presidência da associação para cuidar da sua saúde, que após estar se tratando seu estado de saúde piora, culminando em seu falecimento em maio de 2023. Após o fato ocorrido o Sr. Josimar da Costa Santos, assumiu a liderança no sentido de retomar esse compromisso de luta pela terra e da união dos trabalhadores e trabalhadoras, dando continuidade para o legado de Dona Lia e Seu Genival. Nesse esforço de retomada que eu tenho me inserido nos trabalhos da associação, tenho me inserido sobretudo para retomar a força da nossa luta e dos nossos valores com as gerações mais jovens.

É preciso contar sempre a história da comunidade para fortalecer o sentido de nossa luta entre os mais jovens. E para isso relembremos as memórias da comunidade. Nós sempre temos reuniões, rodas de conversa, em que falamos de nossa história, da importância da união para o fortalecimento da comunidade. Mas é preciso lembrar que essas narrativas também acontecem no cotidiano, em nossas conversas com os nossos

familiares, os nossos avós. Nos domingos a maioria das famílias estão reunidas em suas casas, e nesse momento sempre se fala do que foi vivenciado.

Nós podemos afirmar, portanto, que a maioria dos jovens da comunidade está muito consciente da necessidade de manter a luta pela terra viva e de nosso papel nessa organização política. Por outro lado, é certo que alguns jovens têm se deslocado para as cidades em busca de outros tipos de trabalho e melhores condições de vida. Eles vão para as metrópoles buscar um salário melhor, porque a oportunidade que vai ter aqui é basicamente o trabalho na agricultura e nem todos querem trabalhar na agricultura. Há uma desvalorização do trabalho na agricultura que é também uma dificuldade para atrair os mais jovens para permanecer na região.

A associação junto à comunidade não permite que uma pessoa estranha, que não ocupava a terra na época que começamos a nossa luta ou que não é descendente direto de quem já estava na terra, adquira uma casa e se torne assentado da comunidade do Baixio. Isso é importante porque impede que nós percamos o sentido do uso da terra, que está profundamente articulado à nossa história de luta.

As matriarcas tiveram papel fundamental na luta pela conquista da terra. Pois enfrentaram com a mesma intensidade que os homens, muitas estavam grávidas, mas isso não era motivo para terem medo, pois o medo maior era não ter para onde ir com seus familiares.

A desapropriação da Fazenda Baixio para a Criação do P.A Baixio. De acordo com Moreira (1997), a desapropriação da Fazenda do Baixio do Riachão ocorreu em 26-12-1985 através do decreto nº 92. 216/ 85. A imissão de posse ocorreu em 19 de março de 1986. Em 17 de dezembro de 1986 foi criado o Projeto de Assentamento/colonização através da portaria 977 do INCRA. Depois de 2 anos de luta, pela permanência na terra, onde muitos que são posseiros são nascidos e criados no Assentamento. O P. A. Baixio está a 4 km de distância da cidade de Riachão e a 170 km da Capital do Estado, João Pessoa.

Após a desapropriação da terra, as coisas só melhoraram para os posseiros, veio várias conquistas, casas dignas para morar, terra para cultivar sem ter que pagar para isto, criar seus animais, cavaram seus barreiros para captar a água, os agricultores através de sua força de trabalho retiram da li, os gêneros alimentícios necessários para a subsistência de suas famílias. Assim é que há mais de 95 anos os poceiros cultivam esta terra, criando seus filhos e netos.

Fotografia 5: Animais criados na comunidade



Fonte: Fotografia do autor

Além da luta pela terra, a união dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais – portanto, a solidariedade entre as pessoas da comunidade – também é importante na luta por investimentos na região e empréstimos para a compra de insumos, máquinas e construção de estruturas necessárias para o plantio e a criação de animais. O crédito agrícola vem principalmente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A associação desempenha um papel importante na reunião da documentação necessária para a obtenção desses empréstimos.

Um dos movimentos que lutou junto com os agricultores e está atuante com os jovens do Assentamento Baixio foi a Comissão Pastoral da Terra / CPT - setor Pastoral da Diocese de Guarabira-PB. A mesma se organiza através de um conjunto de equipes que planeja, monitoram, avalia, faz formação coletiva em vários estados, articulações das ações de base.

A CPT atua com unidade de planejamento, método e organização entidade jurídica e administrativa; conselho, coordenação, equipes, agentes, liberados, agentes voluntários e pessoas de referências. Desenvolvem compromisso político pastoral, continua apostando na reforma agrária, preservação do meio ambiente, incentiva aos agricultores lutar contra os maléficos do agronegócio. Estimula a produção diversificada e o resgate

das sementes crioulas, propicia momentos de formação com as mulheres, jovens e crianças. Dialoga em busca de uma educação pública do Campo que reafirme o modelo camponês, integrada com a natureza e suas biodiversidades a partir da agroecologia. Conscientizar as famílias para o não uso de agrotóxicos na produção e propicia formação as famílias assentadas. Divulgar as ações no combate às injustiças articula as ações coletivas locais. Estimula a geração de renda, trabalho artesanal o empoderamento das mulheres. A CPT tem como missão ser uma presença solidária profética, ecumênica, fraterna e efetiva.

Durante os últimos quatro anos, quando do mandato do presidente Jair Bolsonaro, um governo que demonstrava grande perseguição aos movimentos sociais, a nossa comunidade perdeu quase que totalmente esse apoio que vinha do INCRA. Essa foi uma perda muito sentida pelos agricultores e pecuaristas da comunidade. Mas é importante considerar que, como a comunidade já estava bem consolidada – depois de muito tempo de luta, acesso a políticas públicas e com a nossa relação com a terra bem estabelecida – isso não chegou a afetar de forma mais grave a nossa produção. Apesar das intempéries foi possível resistir.

Cada uma das famílias da comunidade tem definida a sua própria terra, sob a qual foi lhe atestada a posse, hoje regulamentada pela associação e pelo Estado. A família tem autonomia para administrar a sua área a seu modo. No tempo de inverno, a terra é usada para o cultivo. Aqui se planta de tudo. Quando chega o inverno, que é basicamente de março a julho, as pessoas aqui plantam feijão, fava e milho, quando termina a safra de julho, terminam a produção do feijão e fava e foram na produção do maracujá. O maracujá é uma descoberta relativamente recente e que tem dado bons resultados na comunidade, há cinco pessoas hoje dedicadas à produção do maracujá.

Esses produtos são vendidos por diferentes caminhos. Tem gente que vende nas feiras da cidade ou de outras cidades da região. Mas há também quem tenha contato com um atravessador, que vem buscar a mercadoria e leva para vender em regiões que são mais distantes. Mas a gente tem também a terra coletiva, onde todo mundo trabalha em comunidade no coletivo. São 37 anos de luta, e 37 anos em que se exerce esse trabalho coletivo, que é também desfrutado por todos.

A questão da água, que mobilizou os nossos primeiros tempos de luta, hoje tem envolvido nossos recursos para além do nosso tradicional barreiro. Há diversos poços na comunidade, que serve a todo mundo – aqui não tem essa questão de dizer “esse é meu,

aquele é seu” – além de carros pipa, que também são recursos usados para suprir a nossa necessidade de água, sobretudo nos tempos de estiagem.

Considerações finais

A comunidade do Baixio – onde nasci, cresci e me encontro até hoje – tem uma longa história de luta, uma luta que se inicia na resistência ao despejo, capitaneada por Dona Lia e Seu Genival em 1984. O legado dessa luta está presente nos ensinamentos que são transmitidos às novas gerações, na união dos posseiros e das posseiras, no apoio mútuo que encontramos sempre que nós precisamos. No trabalho conjunto por melhores condições de vida, por crédito e outros tipos de investimento em nossa lavoura e nos nossos esforços para criar animais.

Eu entendo que o meu desejo por cursar história, curso que estou concluindo com a escrita desse trabalho, tem muito do desejo de contar essa história, essa nossa história de luta e de resistências. Apresentei nessas páginas um pouco de nossa experiência nos movimentos sociais, na continuidade do legado de Dona Lia e Seu Genival. Contar essa história, e continuar contando essa história nos espaços que tenho ocupado, é a minha forma de deixar essa luta viva.

Referências

Abuzú. Documentário produzido por Anamara Bandeira e Isa Paula Moraes, a partir da pesquisa de Luiz Gonzaga Gonçalves, dirigido e escrito por Cecília Bandeira.

Filme de Sílvio da Rin (1985). Produção de Hilton Hauffmann. Direção: Walter Carvalho. Texto: Pedro Ribeiro de Oliveira. Áudio: Ferreira Gullar.

Memórias coletivas de luta da comunidade do Baixio (Riachão-PB).

BATISTA, Maria. Socorro Xavier. O campo como território de conflitos, de lutas sociais e movimentos populares. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso, JESINE, Edineide. *Educação popular e movimentos sociais*. João Pessoa, PB: UFPB, 2007.

FRANÇA, Diego Pessoa Irineu de. *Teologia da libertação e Práxis: memórias territoriais de lágrimas e luta pela terra na região de Guarabira*. Curitiba: CRV, 2020.

LIMA, Lucineide Silva de. Dona Lia e a luta pela terra em Riachão-PB (1985-1986). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2016.

MOREIRA, Emilia. *Por um Pedaco de Chão*. João Pessoa, PB: UFPB. 1997.

SILVA, Genilma Ricardo da. *Dona Lia: mulheres, memórias e resistências na Paraíba*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2018.

SOARES JÚNIOR, Azemar; ANDRADE, Vivian Galdino de (Org.). *Escritas do Sensível II: práticas educativas e história cultural*. São Paulo: E-Manuscrito, 2020.

TARGINO, Ivan; MOREIRA, Emília; MENEZES, Marilda. As Ligas Camponesas na Paraíba: um relato a partir da memória dos seus protagonistas. *Revista Rurais*. V.5, Nº 1, p. 83-117, março de 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011.